

## VENDENDO SAÚDE: Poderoso e popular “Elixir de Nogueira”

Débora Renata Marques Muniz<sup>1</sup>

Desde o período colonial até o século XIX, era comum na sociedade brasileira a produção de remédios relacionados ao mundo mágico. Pois tanto a medicina quanto a feitiçaria utilizavam o conhecimento para a produção dos seus medicamentos, isto é, os diversos praticantes dos ofícios de cura<sup>2</sup> empregavam o saber das plantas/ervas curativas ou medicinais, assim como o uso de animais para o preparo de remédios. Entretanto, os médicos ainda estavam em posição mínima perante inúmeros curadores e feitiçeiros, porém, tais profissionais legitimados pela medicina oficial contavam com o apoio dos governos e da Igreja Católica, pois esta combatia as crenças mágico-religiosas que não se enquadravam em seus preceitos, estabelecendo que:

a fronteira cultural entre o universo demoníaco e a cura médica associada aos saberes universitários. A medicina procurava desvalorizar o conhecimento terapêutico popular, distinguindo os procedimentos “científicos” das crenças consideradas “supersticiosas (EDLER, 2010, p. 21).

Vale ressaltar, com o passar do tempo, na medida em que a medicina oficial organizava-se, no sentido, de ser a “única” com a capacidade de instrumentalizar o saber curativo, legitimando-se através da ciência<sup>3</sup>, ou seja, as demais formas de intervir advindo do universo da cura ficaram a mercê do controle e repressão do poder público. Não foi por acaso que pajés, parteiras, espíritas, entre outros, foram denominados de “charlatões” e incluídos na ilegalidade das práticas curativas. Para o historiador Silvio Ferreira Rodrigues, em seu artigo “*Senhores da cura: negociações e conflitos no diversificado universo de cura no extremo norte do Brasil, 1889-1919*”, ressaltar dizendo que essas:

categorias passaram a ser vistas como fortes concorrentes da medicina oficial, sendo os alvos preferidos dos esculápios que

---

<sup>1</sup> Discente em História na Universidade Federal do Pará e bolsista do Tribunal de Justiça do Estado do Pará.

<sup>2</sup> Boticários, médicos, cirurgiões, feitiçeiros, curandeiros e sangradores.

<sup>3</sup> No Império, em 1808, foram criadas escolas “médico-cirúrgicas” no Brasil, isto é, no Estado do Rio de Janeiro e Bahia, somente em 1832 tornaram-se Faculdades de Medicina. Sobre o assunto: SANTOS FILHO, 1991. Permitindo a formação de espaços com caráter científico, através da criação de institutos de pesquisa na finalidade de legitimar a medicina oficial perante a sociedade. Ver também: SCHWARCZ, 1993.

pretendiam ter o monopólio da arte de curar. A partir daí, uma relação tensa e cheia de conflito, mas também de alianças e trocas simbólicas, desenvolveu-se entre as diferentes medicinas de então (RODRIGUES, 2010, p. 2).

Demonstrando que houve uma perseguição assídua por parte do mando governamental, representados pelas medidas médico-higienistas, a aqueles que eram concebidos como rivais da medicina dita oficial<sup>4</sup>, principalmente nos centros urbanos do Brasil. Com a nascente República houve continuidade no controle pelo espaço dos métodos curativos através da ciência, no entanto, as práticas de cura utilizadas pelos pajés, espíritas e etc., vão ser relacionadas ao campo da “magia” e “superstição”. Na cidade de Belém não era diferente, pois tanto a medicina oficial quanto as demais práticas mágicas concorriam, compartilhando juntamente com os demais centros urbanos do país, pela autonomia do ofício de curar<sup>5</sup>, haja vista, que a urbanização da cidade belenense permitiu uma preocupação das autoridades públicas referente à saúde, no que diz respeito a “política higienistas” e “modernizadoras” desde o período da Belle Époque<sup>6</sup>, que influenciaram a primeira metade do século XX. A saúde pública fazia parte dos interesses paliativos do poder público, refletindo nas ações profiláticas nos municípios do Estado do Pará, como em São Miguel do Guamá, como bem retrata o jornal Folha do Norte, no ano de 1938:

#### SAÚDE PÚBLICA

Torna-se sadio o município, tem sido a preocupação constante do prefeito Lycurgo Peixoto, saneando-o de modo a ser aproveitada pelos seus habitantes a fertilidade do solo.

O paludismo, que é um mal constante em quase todo o **Estado**, tem diminuído bastante no município.

Além do serviço estadual de assistência aos doentes, a Prefeitura tem socorrido os do interior do município, cuja situação, nesse ponto, também é lisonjeira<sup>7</sup>.

O “*Estado*”<sup>8</sup> enfatizado nos revelar a inquietação do mesmo em relação à saúde pública dos seus cidadãos, podendo inferir que tal medida de “*assistência aos doentes*”<sup>9</sup>

---

<sup>4</sup> A concorrência entre aqueles que de alguma forma dispunha de um domínio da arte de cura se tornou conflituosa e simbólica, pois tanto a medicina oficial ou popular, está última baseada na crença das práticas mágico-religiosas, disputam pela soberania dos seus doentes/clientes, seja pelos meios da legalidade ou ilegalidade. Sobre o assunto: SAMPAIO, 1995.

<sup>5</sup> Sobre o assunto: PIMENTA, 2003. Ver também: FIGUEIREDO, 2002, p. 55-86.

<sup>6</sup> Ver: SARGES, 2000. Nesse contexto há um intenso processo de urbanização nas principais cidades do Brasil, em especial o Rio de Janeiro em detrimento de uma população pobre (estes eram em sua grande maioria, libertos, mestiços, prostitutas, e uma parcela de estrangeiros pobres, entre outros) que viviam em cortiços. Por outro lado, estas medidas também se intensificaram na Amazônia, ou seja, o “projeto higienizador e modernizador”, fez com que a pária da sociedade fosse afastada dos centros, indo se estabelecer nas periferias destas. Sobre o assunto: CHALHOUB, 1996.

<sup>7</sup> Folha do Norte. Belém, sábado, 01 de janeiro de 1938. p. 5. Grifo meu.

se dava também no Município de Belém. Nesse sentido como seria de esperar havia uma ampla difusão dos produtos e procedimentos curativos nos jornais locais daqueles que eram considerados profissionais especializados, dentre eles; médicos e farmacêuticos diplomados, em contrapartida, nos mesmos periódicos continham notícias de curandeiros e pajés, era muito comum encontrar os mesmos, sobretudo nas páginas policiais dos jornais da época<sup>10</sup>. Nos noticiários referentes a propagandas comerciais era de praxe a exposição de “preparados” para todos os tipos de males, haja vista que comumente nas páginas jornalísticas da cidade de Belém a venda de remédios, que atribuía a cura de várias doenças, dentre elas; a sífilis, paludismo<sup>11</sup>, corrimentos, mancha na pele, etc.

Remédios como “Elixir Nogueira”<sup>12</sup>, “Elixir Indígena”<sup>13</sup>, “Elixir de Inhare-iodourado”<sup>14</sup>, “Elixir 914”<sup>15</sup>, apareciam constantemente nos jornais como solução da cura para as moléstias físicas, pautada no conhecimento da “classe medica”<sup>16</sup>, que tinha seu respaldo através da cientificidade. Alguns destes remédios, expostos nos jornais locais da cidade de Belém, faziam uso da “crendice popular” para o estímulo das vendas e compras de seus produtos farmacêuticos – ora é sabido que a medicina, desde o século XIX a primeira metade do XX apoiada pelo poder estatal esforça-se para separar o conhecimento adquirido nas instituições médicas, consideradas, por estes, como legítimas, em detrimento das várias formas curativas atrelado ao “universo” mágico-religioso (pajelança, espiritismo, etc).

Estas, por sua vez, são tratadas nas páginas dos jornais, sobretudo policiais, como “charlatanice”, ou seja, como práticas “supersticiosas” de má fé que enganam as pessoas. Contudo o que se vê é a apropriação de termos vinculados ao saber popular sobre as plantas medicinais (inhare) ou o próprio nome “indígena” como um produto de caráter “científico” cujo propósito é comercial aos futuros compradores/clientes, pois embora pareça trivial o elixir vir denominado de “indígena”, pode-se constatar que tal escolha foi uma das formas para chamar atenção da possível clientela. Então fazia

---

<sup>8</sup> Idem.

<sup>9</sup> Idem.

<sup>10</sup> Sobre o assunto: FIGUEIREDO, 2003.

<sup>11</sup> A malária ou paludismo é uma doença infecciosa causada por protozoários (*plasmodium*) e transmitida pela picada de um mosquito fêmea (*Anopheles*).

<sup>12</sup> A Vanguarda. Belém, quinta-feira, 13 de janeiro de 1938, p.2

<sup>13</sup> Folha do Norte. Belém, quarta-feira, 3 de jan., 1940.

<sup>14</sup> Folha do Norte. Belém, quarta-feira, 4 de jan., 1940, p. 5.

<sup>15</sup> Folha do Norte. Belém, sábado, 01 de janeiro de 1938, p. 5.

<sup>16</sup> Idem.

sentido utilizar elementos conhecidos pela população belenense para dar credibilidade aos medicamentos no intuito de vendê-los facilmente. A propaganda utilizada pelos fabricantes dos remédios se apropriava da ciência, isto é, da “credibilidade científica” para exercer seus procedimentos curativos, divulgando nestes jornais a cura milagrosa através dos medicamentos. Remédios farmacêuticos como “Elixir de Nogueira”, que era produzido a caráter nacional deste o século XIX, continuavam nos periódicos do século seguinte, tendo em vista, que:

O *Elixir de Nogueira* data de uma época em que não existiam antibióticos e que a população em geral ignorava a existência de microorganismos como causadores de doenças. A idéia corrente é que várias doenças eram causadas por impurezas no sangue, e que elas poderiam ser curadas por medicamentos ‘depurativos’. Atribuía-se às plantas contidas no elixir a capacidade de, principalmente, curar a sífilis e purificar o sangue, propriedades que não são confirmadas pela atual literatura farmacêutica (SIMÕES, 2007)

O elixir era uma forma farmacêutica que continha geralmente de 20% a 50% de álcool que vinha, geralmente, de extratos alcoólicos de plantas medicinais usados para compor o elixir, os como, por exemplo, extratos de noqueira, salsa, caroba e guáiaço no caso do *Elixir de Nogueira* (PRISTA, 2003). (WILLE, SOUZA & SILVA, 2010, p. 3).

Deste modo este produto também se utilizava da ciência atribuindo a cura de diversas moléstias, dentre elas; a sífilis, feridas, eczemas, flores brancas, etc., ao produto. Para tal finalidade usavam os depoimentos de indivíduos, que haviam sido curados após a aplicação ou ingestão de vários frascos do remédio. Como se percebe abaixo:

Estou curado  
8 VIDROS APENAS!  
Por minha livre vontade, venho manifestar ao publico o resultado  
obtido com o preparado.

ELIXIR DE  
NOGUEIRA

Formula do Chimico Pharmaceutico João da Silva Silveira, no  
seguinte caso:  
Appareceu-me uma ferida de character ulceroso em cada braço, as  
quaes iam tomando poporcoes assustadora nesta situação possui 3  
mezes, usando apenas alguns remédios externos, sem resultado algum.  
Fui aconselhado por um amigo a usar o depurativo de sangue<sup>17</sup>.

Podemos constatar que tal “depurativo de sangue” se projetava na declaração do depoente, *João Scalfivalho*<sup>18</sup>, para validar a cura através do “preparado”. Por esse viés o

---

<sup>17</sup> A Palavra. Quinta-feira, 5 de janeiro de 1939.

<sup>18</sup> Idem.

remédio farmacêutico atingia desde as crianças quanto à juventude. Vejamos os relatos acima mencionados:

*Na flôr da mocidade!*

*Sofrendo horrivelmente de uma terrível moléstia do sangue, proveniente de uma escrófula syphilitica, e depois de ter procurado para meu mal todos os remédios que me indicavam, sem effeito algum, já aborrecido por não poder combater a moléstia, li no jornal desta Villa “O Progresso”, uns atestados do precioso preparado – ELIXIR DE NOGUEIRA - do pharm. Chim. João da Silva Silveira, e então comecei a fazer uso deste medicamento, o qual me curou em pouco tempo, estando eu hoje radicalmente curado.*

*Sendo o preparado ELIXIR DE NOGUEIRA um remédio efficaz para as doenças do sangue, recomendo a todos que soffrem, o seu uso, que, estou certo, certificará da verdade, curando-se em pouco tempo. Paschoal Cicero, com 18 annos de idade, filho de Luiz Cicero, districto de Ibirá, comarca e município de Rio Preto, Estado de S. Paulo.*

*S. Paulo (Ibirá), 27 de novembro de 1924 - - Assig Paschoal Cicero. (Firma reconhecida)<sup>19</sup>.*

*CREANÇA CURADA COM O “Elixir de Nogueira”.*

*O menino Fernando curado com o Elixir de Nogueira... meu filho Fernando, que soffria de grandes espinhos, as quaes apresentavam feio aspecto, depois de **usar vários remédios sem resultado algum** curou-se com o Elixir de Nogueira do Pharmaceutico Chimico João da Silva Silveira. (A.), Manoel Lopes. – Rua de Sant’ Anna, Rio de Janeiro.*

*Os documentos, narrando minuciosamente todas as curas obtidas com o Elixir de Nogueira estão em poder dos únicos fabricantes – Viuva Silveira e Filho, rua da Glória num. 62, com as firmas devidamente reconhecidas<sup>20</sup>.*

É notório que antes de os doentes/clientes chegarem à cura, os mesmo tomaram ou ingeriram outros tipos de medicamentos, *sem resultado algum*<sup>21</sup>, evidenciando o poder “miraculoso” do elixir após seu uso. Como se vê no relato do Capitão Joaquim Correa Mello exposto no jornal A Palavra:

*Estabeleci na cidade de gravatá, à praça 7 de setembro. Atesta que sofrendo, por mais de dois annos da grande complicação syphilitica, resultando muitas feridas nas pernas e tendo usado diversos preparados*

---

<sup>19</sup> Belém. Jornal A Palavra. Belém. Quinta-feira, 10 de fevereiro de 1938. p. 2. Grifo meu.

<sup>20</sup> Biblioteca Arthur Vianna. Belém. Jornal A Palavra. Belém. Quinta-feira, 18 de janeiro de 1940. Grifo meu.

<sup>21</sup> Idem.

indicados para essa moléstia, não conseguiu resultado algum. Resolver usar o - Elixir de Nogueira – do Pharmaceutico e chimico João da Silva Silveira, ficando radicalmente curado com este poderoso e popular medicamento. Podem fazer deste o uso que convier.

Gravatá – Pernambuco – 23 de Abril de 1913 – Capitão Joaquim Corrêa Mello. Testemunhas: José Ferreira Cavalcante e Cicero Barbosa da Silva. (firmas reconhecidas)<sup>22</sup>.

Contudo, é evidente que a procura pelo remédio (Elixir Nogueira) só se dava diante do “fracasso” dos demais. Como bem demonstrar o jornal; A Palavra, em relação ao depoimento de José Peixoto da Silva sobre a eficácia do preparado. Começando a nota com a seguinte afirmativa:

Terríveis moléstias!

Residia na cidade de Alagôas no anno de 1905, sendo chefe da Estação da cidade.

Ahi contrahi crancre syphilitice, gonorrhéa acompanhada de rheumatismo o qual muito me aperreava; depois desenvolveu-se forte erpção nas pernas resultando apparecer placas nas mesmas e uma em cima da mão esquerda. Conhecendo as virtudes do – Elixir de Nogueira – do pharm. Chim. João da Silva Silveira, resolvi usal- o; quando havia tomado 2 frascos experimentei regulares melhoras. Animando- me com esse resultado, continuei a usál- o e ao completar o 6º frasco me achei completamente restabelecido, não aparecendo até hoje conseqüências daquellas infecções.

Campina Grande, 10 de Julho de 1913 – José Peixoto da Silva. – (Firma reconhecida)<sup>23</sup>.

Interessante perceber que ao final de cada testemunho os depoentes deixam como prova dos relatos narrados a localização do local onde moram, isto é, Estado e cidade dando “certa veracidade” aos seus depoimentos. Pessoas como; Paschoal Cícero (São Paulo - Ibirá), Joaquim Corrêa Mello (Pernambuco – Gravatá), José Peixoto da Silva (Alagoas – Campina Grande) surgem como elementos para ratificar o remédio advindo dos meios “científicos” perante a provável clientela, já acostumada com os anúncios de vários remédios oferecendo a cura para aquela ou esta doença. O medicamento relacionado ao “saber científico” era distribuído em diferentes regiões do Brasil, ou seja, tinha representatividade nacional, inclusive em Belém do Pará, pois tinha como respaldo a produção deste remédio através do “Pharm. Chim.”<sup>24</sup>, por nome de João da Silva Silveira, não por acaso, haja vista, que isso remete a fiabilidade do seu produto, entrelaçado a medicina “oficial”.

---

<sup>22</sup> Biblioteca Arthur Vianna. Belém. Jornal A Palavra. Quinta-feira, 12 de janeiro de 1939.

<sup>23</sup> Biblioteca Arthur Vianna. Belém. Jornal A Palavra. Quinta-feira, 27 de janeiro de 1938, p. 2.

<sup>24</sup> Nomenclatura denominando: Farmacêutico Químico. Idem.

A propaganda, em particular os testemunhos, relativa ao remédio “Elixir Nogueira” descrita no jornal A Palavra revela o “apoio” desta ao produto farmacêutico, que atestava ter a solução para as distintas moléstias. Vejamos o anúncio do medicamento, ilustrada na página do mesmo jornal, que vinha com as seguintes informações:

PROPAGANDA ELIXIR DE Nogueira  
PRECISANDO DEPURAR O SANGUE  
Não faça experiências  
Tome só  
Combate a SYPHILIS em todos os períodos  
Feridas em Geral, Manchas na pelle, Espinha, Ulcera, Eczemas,  
rheumatismo, gonorréas, Escrophulas, Fistulas.  
TEM O SEU ATTESTADO  
NA VOZ DO POVO!  
Usas:  
È UM BOM CONSELHO<sup>25</sup>.

Em geral, “A Palavra”, era diferente dos demais periódicos, devido este ser um jornal católico. Portanto expor em suas páginas o remédio “Elixir de Nogueira” representava não só uma índole comercial, entre as partes interessadas, mas, sobretudo desvelava que o “apoio/interesse” ao produto farmacêutico fazia sentindo. Pois dava vazão ao discurso da igreja contra as práticas consideradas supersticiosas exercidas na cidade belenense; por exemplo; a pajelança, o espiritismo e as religiões afro-brasileiras, que eram bastante procuradas pelos moradores da capital paraense, tanto para a cura de natureza física quanto “sobrenatural” (FIGUEIREDO, 2008).

Era interessante “apoiar” os remédios ditos “oficiais”, pois estes ligados a medicina oficial tinham a legalidade da arte de curar os males físicos, enquanto a Igreja Católica era responsável pelo “controle” espiritual de seus fiéis. Dessa maneira era evidente que foi proveitosa para o interesse eclesiástico a propaganda dos remédios farmacêuticos no jornal A Palavra, em especial o “Elixir Nogueira”, que diferente dos outros jornais locais de Belém (Folha do Norte, A Vanguarda) dava liberdade para o produto de João da S. Silveira, no que diz respeito a publicação dos testemunhos de pessoas curadas pelo dito medicamento. Ao contrário dos demais periódicos em circulação pelas ruas e bairros de Belém, que expõem somente a propaganda do remédio, o jornal A Palavra publicava, em suas páginas, os depoimentos dos indivíduos que foram curados, pois era conveniente, tanto para o lucro advindo da exposição do remédio, quanto para a questão religiosa, por ser um periódico direcionado para o

---

<sup>25</sup> Biblioteca Arthur Vianna. Belém. Jornal A Palavra. Quinta-feira, 18 de janeiro de 1940. p. 2-3.

“interesse da sociedade e da família”<sup>26</sup>. No entanto, embora com um diferencial entre os demais produtos farmacêuticos que surgiam nos diversos jornais belenenses como portadores de cura para diversas enfermidades, é importante pontuar que o *Elixir Nogueira*<sup>27</sup> aparece mais como um produto concorrente perante os diversos remédios divulgados nas notas jornalísticas.

## Referências

Biblioteca Pública Arthur Vianna. A Palavra. Belém, quinta-feira, 10 de fevereiro de 1938. p. 2.

\_\_\_\_\_. A Palavra. Belém, quinta-feira, 27 de janeiro de 1938. p.2.

\_\_\_\_\_. A Palavra. Belém, quinta-feira, 5 de janeiro de 1939.

\_\_\_\_\_. A Palavra. Belém, quinta-feira, 12 de janeiro de 1939.

\_\_\_\_\_. A Palavra. Belém, quinta-feira, 18 de janeiro de 1940. P. 1

\_\_\_\_\_. A Palavra. Belém, quinta-feira, 18 de janeiro de 1940.

\_\_\_\_\_. A Palavra. Belém, quinta-feira, 18 de janeiro de 1940. pp. 2 e 3.

\_\_\_\_\_. A Vanguarda. Belém, quinta-feira, 13 de janeiro de 1938, p 2.

CHALHOUB, Sidney. *Cidade Febril: cortiços e epidemias na Corte Imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

EDLER, Flávio Coelho. *Medicina versus magia*. Revista de História da Biblioteca Nacional, ano 5, nº 56, maio. 2010.

FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. *A Cidade dos Encantados: pajelança, feitiçaria e religiões afro-brasileiras na Amazônia*. EDUFPA. Belém, 2008.

\_\_\_\_\_. *Anfiteatro da cura: pajelança e medicina na Amazônia no limiar do século XX*. In: CHALHOUB, Sidney et all. (Org.). *Artes e ofícios de curar no Brasil*: capítulos de história social. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003 p. 278.

\_\_\_\_\_. *Quem eram os pajés científicos? Trocas simbólicas e confrontos culturais na Amazônia, 1880-18930*. In: FONTES, Edilza (Org.). *Contando a história do Pará: diálogo entre história e antropologia*. vol. 3. Belém: E. Motion, 2002. p. 55-86.

---

<sup>26</sup> A Palavra. Belém, quinta-feira, 18 de janeiro. p. 1.

<sup>27</sup> No jornal “A Vanguarda” a propaganda do “Elixir Nogueira” não difere em nada ao do jornal “A Palavra”, pois o anúncio vem com a promessa da cura de doenças como; Sífilis, manchas na pele, reumatismo, espinhas, feridas, etc. Demonstrando o poder curativo desse “Grande depurativo de Sangue”. A única diferença entre ambos é a publicação (no jornal católico) dos relatos das pessoas que foram curadas pelo dito remédio. A Vanguarda. Belém, quinta-feira, 13 de janeiro de 1938, p. 2.



PIMENTA, Tânia Salgado. ***O exercício da arte de curar no Rio de Janeiro (1828 - 1855)***. Tese de doutorado apresentada ao departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. SP. Agosto/2003.

RODRIGUES, Silvio Ferreira. ***Senhores da cura: negociações e conflitos no diversificado universo de cura no extremo norte do Brasil, 1889-1919***. Revista Eletrônica do Arquivo Público do Estado de São Paulo, nº 44, out. 2010.

SAMPAIO, Gabriela dos Reis. ***Na trincheira da cura: as diferentes medicinas no Rio de Janeiro Imperial***. Tese de mestrado apresentada ao departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. SP. Fevereiro/1995.

SANTOS FILHO, Lycurgo de Castro. ***História Geral da medicina brasileira***. v.2. São Paulo: HUCITEC; EDUSP, 1991.

SCHWARCZ, Lília Moritz. ***O Espetáculo das Raças – cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930***. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SARGES, Maria de Nazaré. ***Belém: Riquezas produzindo a Belle- Époque (1870-1912)***. Belém: Pakatatu, 2000.

Sessão de microfilmagem da Biblioteca Arthur Vianna. Folha do Norte. Belém, sábado, 1 de janeiro de 1938. P.3.

\_\_\_\_\_. Folha do Norte. Belém, sábado, 01 de janeiro de 1938. p. 5.

\_\_\_\_\_. Folha do Norte. Belém, quarta-feira, 3 de jan., 1940.

\_\_\_\_\_. Folha do Norte. Belém, quarta-feira, 4 de jan., 1940, p. 5

WILLE, Danielle Neugebauer, SOUZA, Helen Pinho, SILVA, Mariana Britto Madruga, FERREIRA, Mauricio Machado, IGANSI, João Fernando. ***Análise Gráfica dos Anúncios “Elixir de Nogueira” publicados no “Almanach de Pelotas” de 1913 a 1918***. Trabalho apresentado no 9º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design São Paulo, 2010.